

QUINTA-FEIRA
Lisboa--21 de Abril-1927

5 TOS TÔES



sempre **48**
five semanário humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
RÉDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 195
RUA DA ROSA, 57

«Délivrance» laboriosa



O medico parteiro: --A forceps não val. Vamos a experimentar com isto.



Os ditos da semana



Cipriano Napoleão era um homem digno. Na semana santa vestia-se de preto, só para que o porteiro não duvidasse dos seus sentimentos religiosos. Na repartição era pontual, mas como tinha uma doença de estomago conveniente e burocraticamente desenvolvida, passava o tempo na sentina. O chefe, que usava oculos para fingir que era miope, embora tivesse nascido em Olhão, quando o Cipriano Napoleão voltava do seu retiro habitual pergunta-lhe:

— Então o que tem feito? Esses despachos já estão prontos?

— Saiba V. Ex.^a que despachei tudo quanto tinha... Custou, mas foi...

O chefe mergulhava por detrás da secretária. Puchava a gaveta, onde estava escondido um magnifico livro, ilustrado caprichosamente com nús de alto requinte artistico.

Cipriano Napoleão, imerso em pilhas de processos, entregava-se tambem por seu lado aos prazeres da leitura. A's 2 horas tinha que sair.

— Urgente, sr. chefe. Minha mulher e meu primo chegam hoje de Viseu. Compreende! Deveres de familia.

O chefe acedia. Conhecia o primo do Cipriano — o mais robusto e constante esteio do lar do seu subordinado.

Naquele dia, porém, Cipriano não tinha que ir á estação. A semana santa, que ele sempre festejava em *magro*, como tudo na sua vida, incluíndo a esposa, obrigava-o a uma pequena despesa. Um pacotito de amendoas francesas. Foram vinte mil réis embrulhados em papel de seda, a que Cipriano costumava dar uma applicação condigna e higienica. Chegado a casa, depois de se ter descoberto, respeitosa-mente, em frente do porteiro vigilante, Cipriano entrou em casa, radiante e familiar. A esposa, em bata de algodão capricornio, recebeu-o de braços abertos. O primo não se conteve. Deu-lhe dois beijos, e desatou o pacotito das amendoas. Uma a uma foi-as comendo todas. As de licor, as de chocolate, as de assucar. Napoleão olhava tristemente o cartucho já esvasiado. Então a mulher não comia nada?

— O José, modera o appetite. Olha que tua prima gosta muito de amendoas!

— Deixa lá, Cipriano! Ela anda com os dentes muito estragados. Doces, fazem-lhe mal! Até já tem mau halito.

Cipriano não pinguotou a razão do pequeno detalhe.

Sabia que o primo era vagamente estudante de medicina. Mas daí até dentista...

A's sete horas em ponto — começou o jantar. Madame Cipriano — ficou junto do primo. Deu-lhe o lugar de honra — o direito. Aquilo já era costume, em todos os locais. Cipriano sabia-o, mas não se atrevia a molestar tão delicado espirito familiar. A' sobremesa o primo saudou os conjugues. Fizeram-se os brindes, com os braços cruzados, taças tremelicantes, dum Porto bastardinho. Depois acenderam-se os charutos. Cipriano e o primo atacaram, então, assuntos graves: Tabacos, divida externa, casos do dia.

Madame Cipriano, muito lida em jornais, sentenciava a proposito de tudo. Condenava os adulterios — como infamias dignas de punhal.

— O divorcio, porém, evita as efusões de sangue, disse o primo.

Cipriano atalhou:

— Não sou pelo uxoricidio,

em caso nenhum. A mulher adultera deve ser abandonada ao seu destino:

O primo sorriu, com o olho liquido de malicia. O roupão de madame Cipriano modelava curvas conhecidas, prolongadas, infinitas. O marido levantou-se. Era a sua hora de despejo. Pegou num jornal e enveredou para o corredor. Mal tinha fechado a porta — dois beijos repenicaram. Comeram-se as ultimas amendoas. Quando Cipriano chegou, aliviado e alegre, notou que a esposa estava mais vermelha: um *rouge* de saude e de satisfação. O primo tambem. Pela primeira vez uma suspeita atravessou-lhe o espirito. Seria possivel? Tremeu de raiva. Chamou a criada. Esta poz tudo em pratos limpos. Andava com as soldadas em atrazo e, como a patrão não lhe deixava seguir os seus exemplos, considerava-se uma perseguida, uma vitima.

Cipriano pediu que o deixassem sósinho. A mulher e o primo ensaiaram, no piano,

a quatro mãos, um Chopin delicioso. Longo tempo meditou na sua desgraça. Se abandonasse a mulher ela iria queixar-se aos seus superiores. O divorcio seria inevitavel. O escandalo tremendo. Mas o primo, o que fazer ao primo? A vingança tinha que ser terrivel. Atroz! Lancinante! Chamou-o. Em voz grave, disse-lhe, vertendo suores por todos os poros:

— Sei que está traíndo a minha amisade. E's um primo indigno! Minha mulher, que até hoje tem sido honesta, teve, naturalmente, um capricho, que soubeste aproveitar, cobardemente.

E, cruzando os braços:

— Lavra a tua sentença que eu a executarei sem desfalecimentos!

— Ouve-me Cipriano! — respondeu-lhe o primo. Bem sei que estás irritado comigo por ter comido as amendoas. Fazem muito mal ao estomago... E tu tens bom estomago... Não estás vendo a questão, claramente. Eu não sou o teu unico primo. Sou o mais novo e o mais recente. Antes de mim, outros houve, que honraram as tradições de familia. Sempre unida, Cipriano, perante os seus inimigos. Acompanho tua mulher sem interesse nenhum. Ela é-me grata e dedicada por isso. Vou com ela ás corridas de touros, ás exposições de pintura animalista, aos chás. Tenho sido um preservativo. Defendo-a dos maus pensamentos... Não quero que sejas indulgente, mas ao menos correcto.

Cipriano não sabia o que pensar. José era seu amigo, não havia duvidas; o peor era ser seu primo. Começava a ter duvidas, a aceitar os argumentos expostos.

— Mas tu abusaste!

— Como?

— Excedendo-te...

— Ah! Isso não! Tudo, menos excessos! A medicina sempre serve para alguma coisa quando o tratamento é applicado com inteligencia e se faz sobre um bom doente. Tua mulher não tem razão de queixa. Se a vês aí saudavel, com boas cores — a mim m'o deves. Olha que me tem dado muito trabalho!

Cipriano, confundido e reconciliado, abraçou o primo. Aquellas palavras aliviavam-lhe a consciencia. No dia seguinte despediu a criada e foi para a repartição, uma hora mais tarde do que costume — o seu antigo costume, quando nos primeiros meses de casado.

Leopoldo Battistini e Viriato Silva



Num paiz onde se faz tanta *cora*, é admiravel o exemplo destes artistas, fazendo tanta *ceramica*.

Sempre *Fixe*, erquiho de successo obtido pelas maravilhosas falanças expostas no Carmo, sente-se tão *Inchado* como o mais bojudo jarrão saído dos fornos da fabrica Constancia.

**HUMORISMO
NO
ESTRANGEIRO**



—Porque não foste hoje ao colegio?
—Ontem fui lá com a cara lavada.
Mas o professor estranhou tanto que me mandou para casa, julgando que eu estava doente...



—O sr. condutor podia fochar a porta. Está aqui uma tal corrente...
—Impossível, passageiro. Estes comboios electricos não andam sem corrente.



—Que maneira de olhar! Nós, as mulheres decentes, acabaremos por não sair á rua...



—E's um marido pouco gentil. Se gostasses de mim já tinhas chamado um carro...
—Serve te aquele?



A mulher—Por amor de Deus, Jorge, não partas o espelho que é meu agouro...



Inauguração oficial subalterna da epoca tauromaquica

Foi muito curiosa a corrida de abertura no Campo Pequeno, só lhe faltando o boi para os curiosos terem o baptismo da terra.

Abriu o divertimento, debaixo de um encerado da Fabrica do sr. Gomes, a Banda Artistica Musical de Lisboa, que lhes dou para a banda das marchas funebres devido á sordida melodia do cornetim.

Nas galerias da praça lia-se o seguinte o enorme letreiro:—Vamos para o Bristol!—declaração com que o publico em geral nada tinha se as galerias iam ou não ao Bristol.

Com franqueza sempre julguei que esse clube fosse melhor frequentado. Mas vamos á corrida:

O primeiro touro, que era para Teixeira e Tanganho, saiu só para o Teixeira, que se portou á altura do seu nome todo, embora a empresa omitisse o seu apelido nos programas.

Tevo bons ferros á tira e á tira-volta que me encheram as medidas.

No segundo touro, Custodio teve um grande par. Plá um descado, um cambio de Custodio e nesse ferro umas tentativas de equilibrio no corno esquerdo do animal. Plá apanhou a sua conta e Custodio meteu um ferro de dois tostões, que é como quem diz: meio cruzado...

Da familia dos Burricos, marcou uma valente pega o primeiro Burrico, completamente desajudado.

No negro que se seguiu e que tentava dansar o Charleston, recobeu um bom par de Henriques, que foi iniciado a cambio.

Nesta altura é que começou a verdadeira festa agricola-musical. Digo verdadeira porque nunca vi tanta gente a examinar de perto se a qualidade da terra da arena era boa para plantar figueiras, e musical porque nessa altura é que começou a jazz-bandada de colhidas que até metia impossivel.

Dos forcados, um grande rabejador e o velho Carraça, com quasi setenta anos, que, desencabeçado da primeira pega, emendou a mão com uma segunda tão rija que até os catraios

de Alcocheto deviam embandeirar em arco.

Tanganho appareceu lindamente montado e tão bem que o touro, ao vêr os piáfes do corcel, extasiado, não esteve para massadas nem marradas.

Chogada a vez do espada, olhei para as bancadas e divisei o Lino Ferreira e o seu acolito Lauer a coxixar. No entretanto, o espada mostrava com o capote perceber da poda mas, quando chegou ás bandarilhas, é que eu o matei. O espada era o Silva Tavares disfarçado, o espada era poeta e a conversa do Lino e do Lauer, naturalmente, tratava da futura revista que o Segurado lhes encomendou para o Campo Pequeno...

O que não se pode deixar de admirar é a coragem do Silva Tavares em vestir-se de matador... que, como poeta, portou-se á altura dos seus recursos.

Veio o intervalo e uns diziam que ia aparecer uma pantomima imitando a procissão de Sevilha... Não era verdade... Eram os pendões com os brindes aos espectadores.

Da segunda parte da corrida pouco se pode vêr, a não ser uma data de tapona que deram os touros do sr. Norberto Fedroso.

AAquilo foi a torto e a direito...

Além de varios forcados, apanharam os cavalos, Flôres, Santos, Henriques e Parracho, além do Silva Tavares, isto é: o espada.

Manoel dos Santos fez o que pode e até para esse um voador teve uma descolagem tão linda que por um triz o colhia na diligencia.

No final da corrida, um espectador que estava na barreira ao lado do director perguntou ao vizinho:

—Olha lá: saiu-te alguma coisa no sorteio?

—Não saiu, mas no ultimo touro ia saindo...

—O quê?

—O quê! Pois não viste que, por um triz, ia apanhando o corno...

(por El Terrible Perez)
El Encantador Piro.



O salvado:—Como podefei demonstrar-lhe o meu reconhecimento?
O salvador:—Olhe: é sacudindo-se lá para longe.

**HUMORISMO
NO
ESTRANGEIRO**



—Diz-me que horas são se faz favor?
—As mesmas de ontem... e mais sessenta minutos...



O medico—Sobretudo, nada de emoções fortes.
O enfermo—Então, nesses casos, faça favor de não me enviar a conta...



Ensaaiando uma declaração de amor



—Gostaste da Suissa?
—Não a pude ver. Estava coberta de neve...



—Sofro muito, sr. doutor. Mata-me, por misericordia!
—Nada de conselhos, meu amigo. S'í cumprir a minha obrigação.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

PEÇAS que se ensaiam:

O que uma mulher quer, no S. Carlos.

Se é a actriz Palmira Bastos, já se sabe:—aumento do ordenado e tipografia aturada.

O Padre Cura, no Avenida.

Sendo Estevam Amaranto o interprete principal, não ha que perguntar:—um bom foliar na bilheteira e amendoas todas as noites.

Reviravolta, no Maria Vitoria.

Quem n'a fazem devem ser os empresarios, muito treinados em *looping the loop* nos teatros dos outros...

Sagrada Familia, no Variedades.

Trata-se da Parçaria, que já se reconstituiu depois de ter vencido os troianos, na sua cidade: Troia-Mayer.

O Gebo e a Sombra, no Nacional.

Dialogo quimerico em que Alves da Cunha anda á procura do publico.

Os dois maridos da senhora, no Trindade.

Não se sabe ainda quem são. Nunca se sabe...

Bairro Alto, no S. Luis.

Fado corrido e já muito batido, na Mouraria...

Tim tim por tim tim, no Eden.

Uma reprise ás finanças do José Climaco, a pequeno prazo e com muitos interessados...

ILDA Stchini interpretou a Samaritana, no espectáculo sacro do Coliseu dos Recreios. Como sabem, Alexandre de Azevedo fez de Nazareno.

Linda pagina da Biblia que, trans-



João Bastos e Felix Bermudes

A SAGRADA FAMILIA

...anda para o teatro, podia ter convertido á palavra de Cristo a bela filha de Samaria...

VASCO Sant'Ana, na opereta *Bairro Alto*, vai fazer o papel do «Garrafão».

Será por causa da gordura? Capacidade não lhe falta...

VASCONCELOS e Sá e Mota Marques, cronistas mundanos, vão realizar a sua festa, no Politeama, com *Os Filhos*.

E' caso para dizer, alterando o titulo da peça: *Os Filhos da Aristocracia*.

DIZEM que o *smoking* prateado é a ultima moda de Paris, onde ele já se usava ha três anos, nos tablados da revista. Sempre chegam muito tarde a Portugal as fantasias das nossas artistas...

ADELINA Abranches fez de Veronica na *Vida de Cristo*.

Talvez ella assim consiga convencer o Alves da Cunha, que é um coração de pomba sem fel.

O APOLO anuncia-nos o *Filho de 2.ª classe*.

Não será mercadoria extraviada? Como vem pelo comboio...

A companhia do Maria Vitoria não tem estrela.

Talvez queiram aproveitar o «mano» da Josefina Baker...

O que irá, no Eden, depois do *Rei dos Judeus*?

A crucificação do Climaco ou a morte de Barrabás?

RAUL de Carvalho faz a sua festa artistica com o *Homem do Destino*, desempenhando o maior capitão de todos os tempos: Napoleão.

Ha quem afirme que elle tenha dito: —Vencer eu morrer! Hei de derrotar os meus inimigos, prevendo-lhes que, sendo imperador do mundo, tambem posso ser rei do Politeama. Pelo menos, uma noite, para os arrear...

NASCIMENTO Fernandes trabalha como um forçado na sua organização, que aparece á luz da ribalta no proximo mês. Reflexão daquele artista:

--Quero ser empresario para pagar aos meus colegas que sei pagar, embora não me paguem.

Agua passada ainda movem molhos...

DIZEM que se quere proibir a vinda a Portugal das companhias estrangeiras, pelo menos no inverno. E uma proibiçao como outra qualquer! O pior é se proibem aos proibidores — por prohibidade artistica...

CREMILDA de Oliveira está preparando a representação duma peça de Alfredo Savoir. E' facil o trabalho! Basta savoir representá-lo!

O Homem das 5 Horas



— Nossa Senhora dos Affitos. Salva o meu marido que te dou um cordão d'ouro!

— Então tu vais dar o cordão de ouro á Santa? Olha que custou três moedas!

— Está calado, homem! Se ella te salvar, não lhe dou nada!

Bric-á-Brac

MAU EXEMPLO

«A Camara franceza votou o projecto de lei da defesa nacional, que prevê a mobilização geral da França, sem distincção de sexo nem idade.»

(Dos jornais).

Um deputado qualquer
Fes votar no Parlamento,
Que toda e qualquer mulher,
—Caso outra guerra vier,—
Ingresso num regimento.
E, na verdade, ha mulheres
Levadinhas dos diachos;
Que exercem duros misteres,
E são mais bravas que os machos
Que lhes fazem pé d'alferes.
Recordem aquela scena,
Passada na nossa terra,
Da Filipa de Vilhena
Armando os filhos p'r'a guerra,
Co'a coragem mais serena!...
Essa pagina de gloria,
Esse raço inesquecivel
Que perdura na memoria,
Veio abr'r na nossa Historia
Um precedente terrivel!
E, p'la razão de que aquelas
Que não têm filhos crescidos,
E são novas, e são belas,
Desataram muitas delas
A armar os pobros maridos!...

João Fernandes.

CANÇÃO NACIONAL

Fado da Avenida

Mote

Foi dum cócô que nasceu
A AV'NIDA DA LIBERDADE...
Veio o tempo e floresceu
LISBOA, a grande cidade!

Glosas

A vender pasteis folhados,
ROSA ARAUJO pensava
na CIDADE que ele amava
em sonhos fantasiados.
Vereador dos mais cotados
nesse cantinho europeu,
ele olhou, viu e venceu
e mostrou ao LISBOETA
que esta obra tão completa
foi dum cócô que nasceu!

Não ha bela sem senão,
dis a maxima profunda,
por isso tem a Rotunda
para nossa ralação.
Tanta e tanta rev'lução,
tanto heroi hoje a invade,
que pergunto, á puridade,
pelas provas que nos dá,
se será ou não será
a AV'NIDA DA LIBERDADE...

Vai ter sobre um pedestal
o MARQUEZ antecessor
e grande reconstructor
desta nossa capital.
Vai, pois, Lisboa, afinal,
co'as massas que a gente deu
e co'os selos que lambou,
ter o grande monumento,
pois que a base de cimento
veio a tempo e floresceu...

A Av'nida em breve encerra,
num suntuoso padrão,
o mais fiel galardão
aos mortos da Grande Guerra.
E a tirar e a pôr terra
p'ra sua comodidade,
que Santo Amaro nos fude
(já que ele meze os cordeis)
e melhor mostre aos fideis
LISBOA, a grande cidade!

José Barbosa.

A NOVELA DO "FIXE"

A CONTA CORRENTE

O titulo da novela não diz respeito a assuntos de escrituração comercial, como parece á primeira vista. A minha ignorancia sobre o livro caixa é completa. Livros, para mim, só num caixote e é quando mos oferecem.

O caso passou-se em um hotel do Porto, e foi a protagonista certa dama muito conhecida no meio teatral.

Como é costume, nos hotéis, todas as semanas apresentam a nota aos compensais.

Ora a dama em questão, economica em extremo, não deixava de conferir a conta, fazendo perguntas ácerca dos extraordinarios.

Na primeira semana, repontou com a taxa suplementar e o criado perdeu um tempo enorme a pô-la ao facto daquela medida de administração publica, do que, finda a explicação, não chegou a perceber pataquina.

—E' para o Governo, disse o criado.
—Percebo. Vocês, o que querem é governar-se, não é verdade? Pois eu é que não me governo pagando coisas que não como...

Uma das alcavalas que lhe deu no gôto foi a do *tourismo*.

—Olhe lá, o que vem a ser isto do *tourismo*?

—*Tourismo* é...—disse o criado.

—Não diga mais, já sei o que é.

E, com um espirito barato, disse ironicamente que, se calhasse, era de um *beef* suplementar que tinha pedido.

—E' um bocadinho caro o *beef* porque eu pedi-o de carne de vaca e vocês deram-me de toiro... O tal *tourismo* era muito duro...

Assim se passavam varias semanas e ela, sempre pagando pontualmente.

A's vezes, á mesa, falava-se no bom passado que oferecia o hotel e ela tinha sempre este comentário:—Pudera! A roubarem-nos escandalosamente não é admiração!

—Sério?—dizia um hospede viajante. Eu ainda não dei por tal, mas se fosse comigo reclamava.

—Oh! não perdem com a demora... Quando eu deixar o hotel, isto é, quando vier a ultima nota, então é que ha-de ser o bom e o bonito!...

E fez varios comentarios de supostas roubalheira, tais como de lhe meterem na conta — *cau-de-vie* quando ela pediu aguardente — só para lhe levarem mais caro — e que pelo *extraordinario* do queijo da Serra lhe meteram na conta *fromage*.

Emfim, uma série de desconfianças tais que os hospedes até se divertiam com as suas queixas...

Chegou o dia da partida e então é que foram elas...

O criado trouxe-lhe a conta e ela dirigiu-se imediatamente ao escritorio do hotel.

Os companheiros da mesa aguardavam, cá fora, o resultado da reclamação final prometida.

Dentro ouvia-se uma enorme discussão que se prolongou alguns minutos. Nisto ela saiu pressurosa e triunfante com as contas semanais na mão e, ao topar os seus companheiros, disse-lhes:

—Ouviram? Tinha ou não razão? Tinha e tenho. Se paguei foi por honra da firma. Lá que me levassem as tais taxas, vá!... Mas logo na segunda nota uma verba a aumentar com todo o descaramento, não! Olhe, vê? Cá está! *Transporte*, *transporte* e mais *transporte*!... Ora se eu já tinha pago o transporte das malas antes de vir para cá, como é que todos os dias me metiam na conta e no alto da folha? Vejiam!... E sempre a primeira verbal! Já é descaramento!...

E saiu triunfante da sua estupidissima razão...

Reporter B.

CONCURSO DO "FIXE"

Quem será o beleza de homem?



Alvaro Maia

Dentadura soberba. E' formado em letras e pensa ainda estudar direito

A ideia do *Sempre fixe* para a eleição do «Beleza d'Homem» causou, como era natural, o maior interesse. Matos Bequeira, cuja esplendida gravura publicámos no nosso ultimo numero, anda—ao que se diz—contentissimo, pois possui a certeza de que

será o eleito... *malgré* a publicação que hoje fazemos da fotografia do sr. Alvaro Maia, um concorrente de peso.

Para elucidação do publico, convem declarar que só publicaremos fotografias que nos sejam enviadas até á proxima segunda-feira, sendo-nos reservado o direito de excluir do nosso concurso os intellectuais que, por bonitos, entendamos dever fazê-lo.

Do júri que ha de proceder á escolha do «Beleza d'Homem» fará parte: aquele funcionario da Camara Municipal que varre o passeio da «Brasileira», do Chiado, o «João Francisco» e o Alberto, encarregado dos serviços de limpeza dos frequentadores do mesmo café.

Do sr. João Maria Sevilha recebemos uma fotografia—um autentico nú artistico—que não podemos publicar por variadas razões.

Varias cartas nos tem sido enviadas. Vamos responder a algumas:

Simões Ratola.—Sim, senhor. Pode enviar a fotografia. V. ex.º mesmo é uma beleza... de ratola.

Guilherme Faria.—Não, senhor. Só se fór uma fotografia sem bigode...

Ludovico de Menezes.—Não, senhor. Só pintado de branco.

Ilidio.—Mas quem lhe disse que o senhor era intellectual?

Fitas faladas

O assiduo leitor, que é com certeza uma pessoa inteligente, já muito tempo percebeu que o nosso jornal é um companheiro, um bom amigo *sempre fixe*. Eternamente bem disposto, tem sempre uma piada para o fazer rir, uma historietta para o entreter, um comentario que so viu azul para escapar ao lapis da mesma cor, para o elucidar.

Como se isso r bastasse, leva-o em boa companhia e pelos mesmismos cincoenta centavos para a bancada central dos nossos campos de *foot-ball*, para primeira fila dos nossos teatros.

Pois agora vai levá-lo tambem ao cinema. Não julgue, porém, que lhe vamos dar uma borla para o Chantecler. Nada disso. *Sempre fixe* irá ao Tivoli, ao Londres, ao Central, ao Olimpia, e verá com os seus olhos gaiatos todos os novos filmes.

Na semana passada, o Tivoli esteve tudo quanto ha de mais aquatico. O publico mostrou que era assendo e descendente de nautas valorosos, enchendo a casa todos os dias.



Na verdade, a agua era tanta que algumas espectadoras enjoaram e o Nicolino ia de capa de borracha. Para completar o quadro maritimo, nas *banheiras*—perdõem-me o francesismo—não faltaram as sereias do costume.

Pafuncio, campeão á força, e uma gracinha em seis partes. Monty Banks enfileirou sem custo ao lado dos bons comicos: bastou-lhe levar pelo menos duas partes a descalçar os sapatos... E não digo mais porque não ha nada mais triste que fazer a critica humortistica duma fita comica.

A *Fera do Mar* tem muito mais que so lhe diga. Se lhe chamassem A *Fera* a domar tambem estava certo porque aquilo em francês chama-se *Jim*, le *harponneur*, e em inglês *Moby Dick*. Eu, se fosse o John Barrymore, ainda que me jurassem que a *fera* era a baleia, dava uma sorte dos diabos.

Pelas alturas da terceira parte, o encenador obriga o protagonista a dobrar a perna até aos sovacos para convencer o espectador de que lh'a cortaram, e dá-lhe um esaco de todo o tamanho para a gorte não lhe ver o pé. Coxinho e tudo, o Barrymore mete num chinelo o George O'Hara, que tem um trabalho para fingir que é um patife de alto lá com ele.

Aparece em seguida uma gaivota a fazer inconveniencias em cima do chapéu alto do nosso heroi, e um album de instantaneos que, em 1850, é duma antecipaçoão comovedora.

Depois de arranjar uma cara que é uma vergonha e de se encharcar até aos ossos, o John-Jim mata o mano, mata a baleia e vai matar saudades para casa da noiva. Fica outra vez uma beleza de homem e nem ao menos se constipa. Se houvesse mais uma parte, crescia-lhe a perna, com certeza.

Retardador.

A PAIXÃO DE ASDRUBAL

OU

A tragedia do Imperador da Deolandia

Tenho um amigo tão sincero que, embora me tenha podido dinheiro emprestado e nunca me pagasse, não me deixou de falar, facto este muito importante e que poucas vezes succede.

Podia-se chamar Pancrácio ou outro nome mais exclusivo, mas a família, depois duma reunião importante, resolveu por maioria de votos baptisá-lo com o nome de Asdrubal. E desta forma, o Asdrubal de Pinho, que veio ao mundo por casualidade, cresceu, cresceu, até atingir a idade de trinta anos.

Aos 17, com uma ambição propria daquela idade, resolveu meter-se em cavalarias altas e foi aprender o officio de carpinteiro. Começou por fazer taboas para retretes e acabou por fazer bancos de pinho. Como a sua habilidade para a carpintaria fosse nula, desfer-se dos bancos e entrou como empregado num Banco da capital. No seu novo emprego foi subindo, subindo, e por tal fórma que, tendo ido para uma secção do rez-do-chão, acabou por ser colocado noutra situada no 3.º andar, onde ainda se conservava até ha pouco.

Casou ainda imberbe e hoje, para mostrar que é homem, anda sempre com a barba por fazer, e por economia só corta o cabelo com intervalo de dois meses. Discute e critica todas as obras literarias portuguezas, embora não tenha lido nenhuma. Diz que o meu livro primeiro é soberbo e tal opinião lisongeu-me até ao dia em que eu soube que ele o tinha utilizado para aquecer agua numa bairina.

Como certa vez teimasse em que *aneddota* se escrevia *anedocta*, comprou o dicionario do saudoso Candido de Figueiredo e, ao notar que realmento tinha d'lo asneira, para não reincidir, resolveu decorar todas as palavras do referido dicionario. Ha perto de um mês já tinha chegado a *Burro*.

Sentimental em extremo, compra todos os dias o jornal e, se lê que alguém faleceu na sua fregueia, é sempre o primeiro a apresentar condolencias á familia oalutada. No dia seguinte, falta ao escritorio para ir ao funeral e muitas vezes succede falar á beira da sepultura para enaltecer as qualidades do desditoso que em vida nunca vira mais gordo.

Uma vez fechou assim um dos seus discursos:

«Consumatum est! A Vida... é isto!»

E apontou para o caixão!!
É socio de diversas instituições de beneficencia, mas nega-se sempre a satisfazer a importancia das suas cotas porque — diz ele — é demasiado modesto para consentir o seu nome em recibos vulgares.

O matrimonio, se lhe não deu felicidade, trouxe-lhe dois filhos e uma prima da mulher que lhe inspirou uma paixão com a temperatura de 40 graus á sombra. No dia em que soube que a prima lhe retribuia a paixão, embora com uma temperatura menos elevada—paixão esta que na verdade nada tinha de imoral, pois ficava em familia—armou em extravagante e apanhou uma bebe-

deira, que a esposa amoniacou... com uma formidavel tarefa. Depois, quiz supplantar em talento o grande poeta Eugenio de Castro, enviando á prima algumas quadras, duas das quais transcrevo:

*Até que finalmente
Saiste desse letargo.
Fizeste obra de gente,
Teu gosto não foi tão amargo.*

*Teu Destino está unido ao meu,
Meu querubim d'amôr.
Rasga-me já esse veu
E unc-te a mim com calor.*

A métrica dos seus versos aliou-se á sua paixão de com quilómetros á hora. A mania da grandeza apossou-se do seu cerebro, pelo que, julgando-se imperador da Deolandia (é o nome da prima), enviou a todos os amigos a seguinte circular:

«Por determinação superior, manda o motu-proprio que se abstenha de dispendir mais somas para o fim genésico, visto que por uma deliberação já ha algum tempo empreendida, todas as atenções e obsequios devem convergir para Deolandia Inocencia da Purificação, que vai ser requestada por alguém que pretende auxiliá-la. Brevemente se encetarão as diligencias para esse fim, a que corresponde a dedicação que irá fun-

dir a mais olida amizade entre estas duas criaturas.

Lisboa, 27-12-26.

O imperador,
(a) *Asdrubal 1.º*

Os versos e a circular são autenticos.

A esposa, porém, de ideias algo avançadas, ao ter conhecimento da circular, fez-se revolucionaria, destronou o imperador e ia dando cabo da Deolandia, que foi salva milagrosamente, não devido á intervenção duma potencia estrangeira, mas sim devido á intervenção dos potentes braços dum guarda civico que estava de serviço na area do conflito.

Este insuccesso do seu reinado fez com que o Asdrubal se transformasse em reinadio e o desgraçado começou a ondoidecer em diversas *étapes*.

Assim, meteu-se-lhe em cabeça que era o homem mais bonito de Portugal. Quiz disputar o titulo de *Mister Portugal*.

Escusado será dizer que a sua ambição não era o titulo, mas as prendas que receberia, tais como: um vestido de baile, um quilo de sabão macaco, um par de pengas, um piassaba, dois litros de azeite, três latas de sardinha de conserva, um disco para gramofone, varios pacotes de

alfinetos, um chapéu mole modelo *Mister Portugal*, centenas de fotografias suas em diversas posições, predominando a de *céccras*, e mais artigos que não só lhe seriam de utilidade como também réclamariam as casas que oferecessem tais preciosidades.

Ele que outr'ora detestava o canto e a musica, comprou ha pouco um gramofone e um bandolim, com os quais aborrecia toda a vizinhança. Agora, com o novo clital, viu-se obrigado a rifar as gaitas.

Dedicou-se á colecção de selos, postais ilustrados e palavras dificeis, mas a colecção das ultimas acabou por lhe enfraquecer mais o cerebro. Por este motivo, os colegas, comovidos, e sabendo que ele era pobre, cotisaram-se para obter uma quantia sufficiente para o seu tratamento. Deram-lhe o dinheiro, mas ele, em vez de ir ao Dr. Cebola, como se combinara, foi á Praça da Figueira e gastou todo o dinheiro na compra de cebolas. Esta nova loucura fez chorar os colegas, não devido á influencia da cebola, mas sim pelo destino inutil que teve o produto da subscrição.

Votado ao ostracismo, ele, que lia todos os jornais diarios, passou a ler sómente o *Diario do Governo* da 1.ª serie, e ha pouco, quando do Decreto dos Tabacos, o seu entusiasmo foi grande. Com isto deu indícios de juizo, pois que ele não fuma e a mulher tem interesses ligados á Companhia dos Tabacos.

No dia 7 de Abril, porém, deu-se um acontecimento que perturbou por completo as faculdades mentais do desditoso Asdrubal. Um colega perverso deu-lhe a ler uma noticia publicada no *Seculo* desse mesmo dia e que dizia o seguinte:

«Foi para o Diario do Governo o decreto considerando de feriado nacional o dia 9 de Abril, em homenagem aos mortos da Grande Guerra. O dia 9 de Abril é comemorado no Liceu de Gil Vicente, ás 21 horas, com uma sessão cinematografica, seguida de baile.»

O pobre Asdrubal, ao ler isto, deu um urro tão formidavel que o elevador do Banco, que estava no terceiro andar, fugiu horrorizado para o rez-do-chão.

Depois, pondo-se em cima da secretaria, disse em alta grita que numa terra onde se prestavam homenagens aos mortos com um baile não mais poderia fazer discursos sentimentais á beira das sepulturas! E acrescentou:

«—Isto é uma terra de doidos e eu com doidos não me entendo! Vou, não para um convento, mas para o Manicomio Bombarda, porque ali se encontram ajuizados!!»

E saiu do escritorio indignadissimo.

E ontem vim a saber que o meu pobre amigo Asdrubal, ex-imperador da Deolandia, mudara de residencia, para terminar os seus dias entre as quatro paredes dum triste manicomio...

Fomentação de turismo

A fim de promover o turismo, fala-se muito a esse respeito em Portugal. Quer-se, e com justa e interessera razão, que o estrangeiro cá venha, também, pelo motivo da drenagem do ouro, pois muito embora trocadas em escudos, é no fundo *shellings*, *dollars*, centimos ou pesetas que ele cá deixa. E para conseguir a vinda de turistas (divisa moderna da antiga viajantes), empregam-se meios poderosamente seguros; proclama-se *urbi et orbi*. ber-se aos quatro ventos que não temos nem estradas (assim é, mas nem todos teem autos e caminhos de ferro alguns bons ha), nem hotéis (sempre temos alguns), nem nada (afóra lindos recantos). E, por outro lado, mostram-se as tentações lá de fora, onde tudo e por toda a parte é maravilhoso, convidativo, digno de vêr-se, de gosar-se, no mais inegalavel prazer e conforto. Todos os hotéis lá são enormes e de primeira ordem e todas as estradas quais velodromos, onde os milhares de automoveis dos reis dos açoes, dos assucareos e dos carvoes e dos diamantes poderão correr em frouses e sem que os enfrenesiem, como os rendimentos dos multi-milionarios...

Não ha melhores paisagens, não ha sitios mais lindos.

E' por isso, pois, que os ricos turistas lá de fora, informados, não tendo cá coisas á altura do seu muito dinheiro, cá nao veem (se as tivessem, deixariam os outros sitios de conhecida nomeada?) e os de cá—mesmo abaixo pecuniariamente das grandezas de lá—lá vão, numerosa carneirada, todos quantos podem, a toda a parte e ás vezes vivendo por lá, que encontraciam cá os lugares que de lá viessem... Chama-se a isto propaganda turistica (ex-forasteira), e assim ela se tem fomentado, terminando tudo efectivamente na necessaria drenagem do ouro, que por se efectivar ao invéz nem por isso deixa de ter utilidade. E com algria!

Isto dá vontade de rir e, por isto mesmo, está certo. Provoca-se o riso

com estas coisas para, no conselho sabido de Boamarchais, se evitar o inevitavel choro.

Não é que não haja cá o sério sentimento da publicidade positiva. Empregam-na e cultivam-na só em honra e proveito de meia duzia (os mesmos de todas as classes, méritos e processos), com os qua nos businam todos os dias os ouvidos e nos apascentam a vista em effigies interminavelmente repetidas á admiracão. E ainda isto é um incitamento a turismo de arrepio—procurar-se diferentes horisontes, costumes menos repercutivos. Vêr outras caras, outros processos menos obcecantes.

Fontes, numa visào de estadista sem réclamo, pretendia que no orçamento do Estado se consignasse uma verba para promover a ida lá fóra de portuguezes para beneficos resultados posteriores. Muitos, pagos, lá teem ido em circunstancias especiais, desde a guerra á aventura, teem feito com que o país se possa hoje classificar de *viujado*, como dizem os brasileiros.

Mas a propaganda de Portugal faz-se a favor do estrangeiro para se passar a fronteira, para lá, e não á do forasteiro para atravessar a fronteira, para cá. E assim é curioso que, por exemplo, o inglês esteja fazendo a sua Madeira (pintando-a, espalhando-a nas cores mais bizarras, nos magnificos banhos de mar, etc.) e que tenha presentemente, em Londres, o seu porto, antes e depois do chá das cinco...

Cá, se criámos Fátima para a grande e indispensavel Crença, e Lourdes que os cartazes fazem resplandecer. E como esta, também outras coisas, fugindo constantemente ás adaptações, que só se reservam para os diferentes maridos da senhora...

Fomenta-se o turismo, mas não com fomentações que venham pôr no arrepio o senso e a sensibilidade comum, a sério, que não a rir...

José Parreira

Reix.



O que se diz e o que se não deve dizer

OS "CAMBALACHOS" do Portugal-Italia

A primeira noticia sobre o jogo de Turim chegou ao campo de Palhavã, sob a forma dum cavalheiro munido dum porta-voz:

—A primeira parte terminou com 1-0 a favor dos portugueses.

E mais não disse, o cavalheiro do porta-voz.

Quando o respeitavel publico saiu do campo, e chegou ao Rocio, encontraram nos placards:

—A Italia ganhou 3-0!

Chegou a haver desmaios.

Horas depois, um dos placards dava como resultado final: 3 a 1, enquanto o outro ainda mantinha o 3-0.

A's onze horas da noite, ainda, em Turim, se estava, pelos modos:—a jogar de cabeça...

* * *

Na manhã de segunda-feira, os jornais apresentavam-se com uma louvavel unidade de vistas.

Não restavam duvidas: os italianos haviam ganho por 3 a 1. E o goal português fóra feito por Cambalacho.

As desinteligencias da vespera tinham explicação facil. Tratava-se de telegramas expedidos: uns antes do banquete, e outros: depois.

Em resumo:—telegramas com diferente graduação alcoolica...

* * *

Mas—catastrofe das catastrofes!— ás seis da tarde de segunda-feira, a *Marcini* entregava ao secretario da Federação Portuguesa, um radio official assinado Uigel Horta:

—*Nous avons perdu zero trois stop mi temps zero un.*

O goal português não passa afinal:—dum cambalacho...

* * *

Consolem-se, porém, os aficionados footballistas. Porque se os desastrados jogadores perderam o *match* por 3-0, a representação official ficou a ganhar por uma data deles...

Basta dizer que no tradicional banquete o dr. Salazar Carreira, mavioso rouxinol da *équipe*, fez um discurso em português, francês e latim, que deixou os italianos absolutamente gregos.

A falta de espaço inibe-nos de publicar na integra, tão espantosa parolanda.

Em todo o caso, os pontos principais, unanimemente aplaudidos pelos directores e tecnicos da comitiva, foram:

—«Os jogos internacionais não se ganham no campo. Ganham-se no *tapis blanc*,

«Os *goals* não contam, mas sim os golos.

«Nestas deslocações desportivas, que devem valer como representações diplomaticas, os jogadores são apenas contrapesos.

«*Et à la foi de qui je suis je vous jure*: que para o ano, enriquecidos com a experiencia e com os conhecimentos que nos proporcionaram uma demora em Nice e um passeio de trezentos kilometros em automovel, por termos perdido o comboio—voltaremos sem jogadores, nor desnecessarios, mas com uma comitiva de quarenta e quatro pessoas convenientemente doutoradas, demosténicas e comestiveis!»

* * *

Outro triunfo diplomatico foi o da entrevista do Barão com o Duce.

Os dois titulares trocaram impressões profundas e definitivas sobre as ditaduras de bilheteira, tendo Mussolini aconselhado ao Barão a forma da

Italia para as botas, como maneira eficaz de evitar os calos.

* * *

O ultimo grande combate de box realizado e. i Paris — entre Criquei e Brown—parece não ter passado dum *chiqué*.

Ha até quem afirme nos diarios parisienses que os dois contendores foram vistos ensaiando o *match* na vespera, num gymnasio dos arredores.

Brown é homem para esmagar o francês. Mas a este convinham muito as dezenas de contos da bolsa, e apesar de afastado do *ring* prestou-se a voltar a ele desde que o mulato americano evitasse o combate, procurando *catch* nulo que poderia ser pretexto para novo encontro... e mais umas dezenas de centos...

Diz um jornalista francês:

—«Não sei se Criquei, como nós terminamos, se enferrujou na inacção. O que posso afirmar é que durante o

combate não lhe ouvimos estalar as articulações. Evidentemente, na sua idade, receia-se o *suimenage* e sabe-se evitar os movimentos superfluos...

«Já Brown não teve a preocupação, dançando constantemente um fandango frenetico, a roda do antigo campeão.

«Foi, em resumo, o combate dum fogo fatuo com uma alma do outro mundo.

«Não sei quanto recebeu o fogo fatuo: Mas dizem-me que a alma do outro mundo levou 70.000 francos nas dobras do lençol...

E deixo em silencio um fantastico terceiro *round*, em que, de pé, no *ring*, só ficou o arbitro!

* * *

A nossa louvavel mania de imitar o francês, produziu poucos dias depois, no Coliseu, uma scena analoga.

Um branco indigena e um preto estrangeiro, fizeram um *chiqué* com a melhor das boas vontades.

Houve, por cá, uma pequena diferença. O arbitro que teve a coragem de acabar com a brincadeira foi insultado pelo empresario e mandado expulsar pela policia.

Após o que—não pasmem, senhores!—um outro arbitro continuou conscienciosamente a dirigir aquela pugilistica fantasia.

O publico gostou muito.

* * *

Anuncia-se para domingo proximo, a saída dum novo jornal de desporto, de processos novos e de nova factura.

Numa epoca em que os mais cotados se estão afundando lentamente, a empresa parece arriscada.

Em todo o caso ficamos esperando pelos processos novos e pela nova factura...

* * *

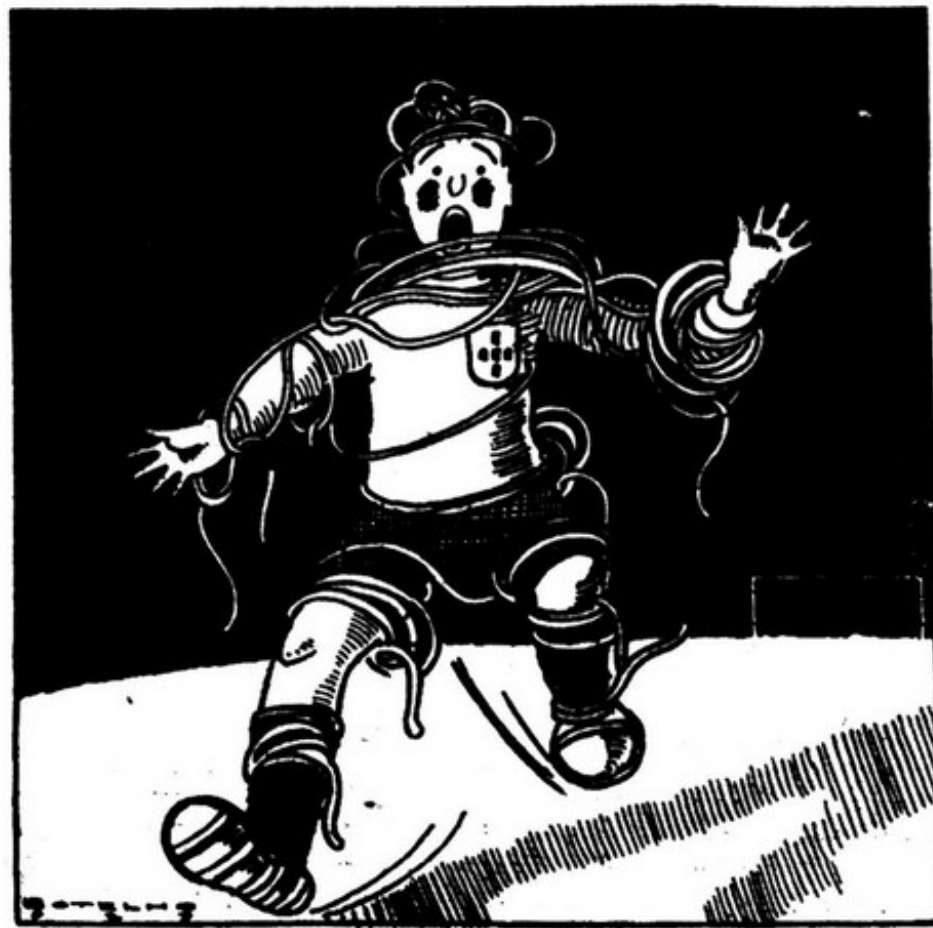
A' hora de fechar esta pagina, chegamos a informação de que o resultado do II Portugal-Italia em *foot-ball* foi novamente alterado.

O dr. Salazar conseguiu, na segunda-feira, á noite, convencer o arbitro de que o *frekick* de que resultou o primeiro ponto italiano, fóra absolutamente injusto.

Ontem, de manhã, como Artur José Pereira lhe tivesse oferecido umas *massagens*, o juiz tcheco resolveu ainda conceder-nos dois *goals*.

A cotação, neste momento, é, por conseguinte:—2 a 2 3/8.

II Portugal-Italia



Como ficamos enroscados pelos «macarronis»...

Rebola-A-Bola.

Efeitos do concurso das «misses»



Semi-nuas: como elas eram.
 Nuas: como elas são.
 Vestida: como ela foi p'r'A...merica.



— Se a mamã quizesse, punha um bocadinho de «rouge» nos labios da boneca, para ela poder entrar num concurso de beleza...



— Sabes? O meu avô já é centenário!
 — Olha a grande coisa! Ha que tempos que o meu é milionário.



O Cupido d'hoje trocou as classicas setas ardentes por frigidissimas navalhas de ponta e mola.